

O objeto (a)ssexuado¹

Miquel Bassols

Quantos sexos chegarão a ser contados neste novo século? A pergunta tem todo o seu interesse porque desde distintas frentes parece ser anunciado o final da era dos dois sexos e o princípio de sua multiplicação ao infinito. Uma vez ultrapassado o dois, esse dois no qual se fundava a diferença sexual como algo irreduzível, a ciência já começa a perder a conta dos sexos possíveis. E sabemos que quando uma possibilidade é descoberta, por excepcional que seja ela, não tarda a aparecer a reivindicação do direito ao gozo dessa mesma possibilidade. Essa conta dos sexos é também, portanto, a conta dos sexos que poderão ser escolhidos por meio das técnicas chamadas de "mudança de sexo".

Quantos sexos chegarão pois a ser reivindicados nesse novo século, seja em nome da ciência ou da multiplicação dos chamados gêneros?

Nossa colega Graciela Brodsky recordou, há pouco tempo², o recurso operado pelos defensores da distinção entre "sexo" e "gênero" a essa nova contabilidade, por exemplo, nas teorias da bióloga americana Anne Fausto-Sterling. A polêmica suscitada por essa autora há uns dez anos enumerando pelo menos cinco sexos não parece anedótica e prossegue hoje ao fazer deles um "sexual continuum", uma continuidade na qual a diferença entre os sexos tende a desvanecer-se numa multiplicidade levada ao limite. Na verdade, a ciência dissolve hoje no real a diferença mesma em que se sustentava a noção clássica de estrutura. Fausto-Sterling revisa assim sua proposta de um sistema de cinco

sexos: além de machos e fêmeas, inclui *herms* (chamados depois verdadeiros hermafroditas, pessoas nascidas tanto com testículos como com ovários), *merms* (pseudohermafroditas machos, nascidos com testículos e com algum aspecto de genitais femininos) e *ferms* (pseudohermafroditas fêmeas, com ovários combinados com algum aspecto de genitais masculinos)³.

A lista fica aberta a novas combinatórias.

Observemos que, curiosamente, nos traços anatômicos desse novo mostruário de identidades sexuais não se diz absolutamente nada sobre a presença ou não do falo. Um observador imparcial, um marciano por exemplo, não deduziria dele a existência deste órgão que parece antes suplementar na hora de definir o real do sexo. Trata-se de uma elisão colateral ao objeto em questão, aliás inquietante, se seguimos a lógica da elisão do falo que Jacques Lacan assinalou na estrutura da psicose? Ou se trata antes de uma verdade que, todavia, a ciência não pode incluir em seu seio, uma verdade apenas desvelada pela própria psicanálise ao fazer do falo o símbolo por excelência que marca a sexualidade humana com o selo da falta, da castração? A criança freudiana, nosso marciano imparcial, ao ser confrontado com a nova multiplicidade dos sexos, notará certamente a falta do falo na série de Fausto-Sterling e poderá resumi-la então em não mais de duas figuras: as *mems*, aquelas nas quais sempre falta o falo, e os *moms*, aqueles que sempre poderão perdê-lo.

Efetivamente, a significação do falo, seja por sua presença ou por sua ausência, continua sendo aquilo que introduz a diferença no *continuum* do real do sexo, e o que dá ao objeto sua significação sexual para o sujeito. A multiplicidade dos chamados gêneros, índice de novas identificações, não poderia ser entendida sem sua referência à multiplicidade das significações do falo, aos seus véus e desvelamentos para significar o desejo. Na

falta dessa significação, é o corpo do sujeito que virá a ser o suporte no real da diferença impossível de simbolizar. O resultado é uma espécie de transformação contínua de um corpo em outro que aboliria a diferença, uma espécie de *morphing*, para tomar o termo da técnica informática que faz dessa transformação topológica um jogo virtual.

Diremos pois, que na falta da diferença introduzida pelo falo como significante, o que aparece em todo seu relevo é o *continuum* do real e um *morphing* proposto aos corpos? O futuro da sexualidade será uma sexualidade com a elisão do falo no real? Na realidade, nada indica que seja esta a orientação na promoção da diversidade das identidades e dos objetos sexuais. Trata-se antes de um *morphing* do falo, especialmente ali onde ele brilha por sua ausência, que reduplica ao infinito, em um verdadeiro jogo de espelhos, a dialética freudiana entre o falo e a castração.

Digamos então que a multiplicidade de cores e significações dos objetos sexuais responde a essa multiplicidade das significações do falo que recobrem sua falta e não a uma suposta multiplicidade de identidades do ser sexuado que, nesta vertente, sempre seguirá a lógica binária e dicotômica do falo e de sua ausência. Ocorre, não obstante, que nenhuma descrição fenomenológica jamais poderá dar conta dessa estrutura da sexuação, tal como Jacques Lacan o assinalava em seu texto de 1961 em homenagem a Maurice Merleau-Ponty, quando escrevia: "Mas está claro que nada na fenomenologia da extrapolação perceptiva, por mais que a articulemos no ímpeto obscuro ou lúcido do corpo, pode dar conta nem do privilégio do fetiche numa experiência secular nem do complexo da castração na experiência freudiana. Os dois se conjuram, no entanto, para nos intimar a enfrentar a função de significante do órgão sempre apontado como tal por seu

ocultamento no simulacro humano - e a incidência que resulta de falo nessa função, no acesso ao desejo tanto da mulher quanto do homem, apesar de estar agora vulgarizada, não pode ser desprezada como o desvio do que bem podemos chamar, com efeito, de o ser sexuado do corpo"⁴.

Vulgarização da função do falo em suas múltiplas transformações, conversão do órgão em significante por sua ocultação em outros tantos "simulacros" - este termo "simulacros" nos parece hoje mais conveniente que "gêneros" para entender do que se trata em sua promoção -, privilégio do fetiche e do complexo da castração na experiência que o sujeito faz do ser sexuado de seu corpo, estes são os termos com os quais Jacques Lacan propõe decifrar em 1961 as significações dos objetos sexuais nos quais o sujeito segue buscando sua identidade.

Distingamos por nossa parte, para introduzir uma disjunção que será decisiva, a vertente que corresponde aos simulacros do falo e a vertente do que Lacan já chama aqui o "ser sexuado do corpo", o ser que não pode reduzir-se aos ditos simulacros. Se o falo é o "significante do ser sexuado", a vertente que vincula o sujeito com o desejo do Outro, a vertente do corpo remete ao gozo separado do Outro, e a um objeto que deveremos considerar finalmente fora de sua significação fálica.

Se consideramos agora mais de perto os novos simulacros da sexualidade e seus objetos, vemos que essa disjunção entre o significante do falo e o gozo do corpo aparece de modo mais claro: a significação fálica vinculada ao desejo do Outro tende hoje a separar-se cada vez mais dos fenômenos de gozo do corpo considerado como um gozo autista, separado do Outro. É nessa disjunção onde podemos situar o recurso crescente à intervenção no real do corpo para dar suporte ao simulacro da sexualidade: desde a extensão do *piercing* nas zonas mais variadas para localizar

o gozo até a injeção de hormônios para modelá-las segundo a imagem ideal.

Ao contrário, a diferença que hoje tende a desvanecer-se é a que serviu nas décadas passadas a *queer theory* (o que foi traduzido como "a teoria torcida") e aos estudos de gênero para distinguir o sexo (supostamente biológico) do gênero (supostamente cultural)⁵ e postular a multiplicação de identidades sexuais. Na realidade, o que vemos nessa adição e multiplicação que parecia anunciar o declive da diferença dos dois sexos, o masculino e o feminino, é um modo de fazer existir o Outro como o Outro sexo, um novo modo de dar consistência à sexualidade como alteridade do sujeito. É assim uma perspectiva baseada na ideia de que o Outro existe, deve existir necessariamente para sustentar a diferença do gozo sexual.

Mas há aqui um paradoxo cada vez mais evidente: a reivindicação da diferença levada ao limite reduplica no real a própria dimensão fálica do gozo, ali onde supúnhamos mais elidida essa dimensão do falo: basta ver, por exemplo, os movimentos das *drag queens* e dos *drag kings*, nos quais o *morphing* fálico dos corpos reproduz até a caricatura os tipos ideais de identificação: do homem transformado em resplandecente rainha do carnaval até a mulher transformada num barbudo caminhoneiro. Fala-se assim hoje das "tecnologias de gênero" desde o cinema ou da publicidade para indicar esse variado campo do *morphing* fálico.

Mas basta a referência à significação do falo para dar conta dessa inércia até a dissolução da diferença na multiplicação dos objetos e das identidades sexuais? O que essa multiplicação sustenta? Sustenta o direito ao gozo que o sujeito de nosso tempo vê como num novo direito iniludível, na realidade o direito consuetudinário, se entendemos, com Jacques Lacan, que no direito se trata precisamente de "repartir, distribuir, retribuir"⁶ o que corresponde ao gozo para cada um.

Mas quando se trata do gozo a questão da diferença se coloca desde outra perspectiva, desde a perspectiva precisamente do Outro que não existe. É a perspectiva que Jacques Alain-Miller nos ensinou a ler no último ensino de Lacan como a chave de sua lógica e que permite situar neste ensino o que ele mesmo denominou "o sexto paradigma do gozo"⁷. Nesse último paradigma do ensino de Lacan trata-se do gozo Uno, de um gozo que não implica o Outro, mas que é antes autista, e que torna problemática, incerta, a existência mesma do gozo do Outro. E como indica Jacques-Alain Miller ao comentar este último paradigma do gozo: "No início, o gozo Uno, solitário, é fundamentalmente assexuado"⁸, não implica a sexualidade como diferença e como relação com o desejo do Outro. Estamos agora em outro registro distinto do registro do significante do falo como significante do desejo do Outro que dava significação sexual a esse desejo e a seus objetos; estamos no registro do gozo autista, do gozo Uno que não implica o Outro. No lugar desse Outro, o que o sujeito encontra é o objeto que está no núcleo de seu gozo mais ignorado e que é finalmente um gozo assexuado, que não está significado pela diferença sexual. É esse objeto o que importa realmente na experiência analítica quando é levada ao seu final e é o objeto que faz par com o Uno do gozo no sintoma do sujeito.

Voltemos então a colocar nossa pergunta inicial, porém agora desde essa nova perspectiva. Quantos são os sexos no inconsciente freudiano? Poder-se-ia pensar que diante da multiplicação ao infinito promovida pelos discursos da intersexualidade, diante desse $n+1$ ao qual tende a lógica das identificações dos objetos sexuais, o inconsciente freudiano nos devolveria a tranquilizadora diferença, tão criticada por outra parte, dos dois sexos, nos devolveria o dois do homem e da mulher. Mas, precisamente, o inconsciente freudiano nada diz sobre isso, na verdade o pobre não sabe contar nem até dois. No inconsciente não há

inscrição da diferença dos sexos, repetimos com frequência. Mas o que quer dizer isso senão que o inconsciente freudiano só sabe contar até um, que no melhor dos casos só sabe contar um por um?

Encontramos esse postulado freudiano dito de diversas formas: só há uma libido, e ela é masculina; há apenas um símbolo para a sexualidade, e ele é o símbolo do falo. É o paradoxo do inconsciente freudiano, princípio da significação sexual, mas no qual não existe inscrição da diferença sexual. Quando se trata de contar sexos, no lugar dos dois supostos ou dos múltiplos promovidos a escala global, o inconsciente freudiano segue contando um, apenas um, a cada vez...

Lacan reatualiza esse postulado do Um do inconsciente freudiano ao longo do seu ensino com várias fórmulas conhecidas: "A mulher não existe" ou "não há relação sexual", ou sobretudo, Há Um (*Il y a d' l'Un*), o Um no qual se funda o gozo sem relação com o Outro, com o gozo Outro se este existisse. E se divertirá com o jogo homofônico em francês que faz com que o dois (*deux*) dos dois sexos não seja mais que um "*d'eux*", deles, daqueles entre os quais resulta impossível estabelecer a relação.

Detenhamo-nos então na fórmula que encontramos no *Seminário 20: mais ainda*, para dar conta da sexuação do sujeito: "O objeto é (a)ssexuado". Na lógica do Outro que não existe, do Um do gozo, o objeto fica desligado das significações do Outro, aquelas que lhe deram sua cor sexual, e aparece em sua vertente de objeto assexuado, o que quer dizer sem diferença, marcado pelo Um do gozo, mas ele mesmo causa da escolha sexual do sujeito. Que o objeto seja (a)ssexuado quer dizer que esse objeto fica fora da significação sexual produzida pelo símbolo fálico, que esse objeto fica então na parte não-toda da sexuação, na parte feminina das fórmulas elaboradas por Lacan em seu *Seminário*

“Mais ainda”, na parte que descompleta o Um da lógica fálica para abrir para uma série infinita.

A cor desse objeto que descompleta o Um do gozo já havia sido anunciada por Lacan em 1964, como uma “cor-de-vazio: suspensa na luz de uma hiância”⁹. Essa cor de vazio, uma vez que o objeto se desprende das significações do falo, é o que faz desse objeto um objeto finalmente (a)ssexuado, fora de toda significação. É o que restará, por exemplo, como o mais real do fetiche uma vez desvestido ele mesmo de sua significação fálica, é também o que restará de qualquer objeto que venha a eclipsar a castração, mas é também e, sobretudo, o objeto, resto ou simulacro, no qual se condensa o gozo do corpo.

Diante desse objeto já não se trata das identificações que funcionaram como tela ou alegação, mas sim da eleição do sujeito como resposta ao gozo pulsional, ao objeto (a)ssexuado. Digamos antes que se há escolha sexuada no sujeito é precisamente porque as identificações edípicas não podem dizer a relação entre o sujeito e o Outro, não podem escrever a relação entre os sexos.

Assinalemos finalmente algumas consequências da lógica desse objeto (a)ssexuado e do Um do gozo tal como Lacan os introduziu na última parte de seu ensino.

1- A psicanálise não é, na verdade, um pansexualismo como se supõe muitas vezes. Nem tudo fica recoberto pela significação sexual. A psicanálise é um *não-todo* sexualidade ou dito de outra maneira, encontra a sexualidade como não-toda. E precisamente o que isola na causa da sexualidade é este objeto (a)ssexuado, o objeto do gozo do Um que não se vincula com o Outro sexo e que se revela em sua função de resto.

2- O que se manifesta como as "identificações sexuais" segue a lógica das identificações como uma multiplicação dos uns diversos nos quais a sexualidade se compraz em instituir seus simulacros. Mas a lógica binária do falo não basta, efetivamente, para situar o novo real da sexualidade e do gozo que a psicanálise descobriu. Para situá-lo é preciso partir do axioma do gozo Uno, distinto do axioma do desejo como desejo do Outro, e situar no paradigma do gozo a função preeminente do objeto inventado por Lacan, o objeto *a*, definido como objeto (a)ssexuado.

3- Desde este paradigma, a clínica analítica não é uma clínica das identificações normativas, onde há tantos gêneros sexuais quanto uns possíveis queiram se propor. A clínica analítica é uma clínica da escolha do sujeito causada pelo objeto *a*, que é um objeto (a)ssexual, um objeto sem Outro, fundado no Um do gozo.

4- Se o gozo é gozo autista do Uno, o que na sexualidade leva à relação com o Outro será da ordem do *Héteros*, da alteridade, daquilo que não pode ser reabsorvido no Um. É a ideia de Lacan em seu texto "O aturdido", onde escreve: "Aquilo a que se chama sexo [...] é propriamente , respaldando-se no *nãotoda*, o *Héteros*, que não pode ser estancado com universo"¹⁰. E se o objeto causa da escolha sexual está sempre do lado *nãotodo* da sexuação, do lado *Héteros*, do lado do que chamamos feminino, então podemos entender a surpreendente frase de Lacan, conclusão precisa desta lógica. "Chamemos heterossexual, por definição, aquele que ama as

mulheres, seja qual for seu próprio sexo. Ficará mais claro". Lacan não define aqui o "heterossexual" como alguém, como um gênero ou identidade sexual produto de uma identificação, mas sim como algo, como aquilo que na sexuação do sujeito aponta para o lado do *Héteros*, para o lado *nãotodo*, não fálico, do objeto (a)ssexuado.

5- A única conta sobre os sexos que chegamos a achar assim com Lacan, e nada parece indicar que iremos contar mais além, é a que resulta do Um do gozo com o (a) desse objeto (a)ssexuado. Um + a é a fórmula que propõe no mesmo Seminário "Mais ainda". Fórmula que nunca dará nem o Todo único, contínuo e sem falta, sonhado pela ciência, nem tampouco aquele novo sexo que diria a relação do Um do gozo com o Outro que não existe.

Tradução: *Elisa Monteiro*

¹ Este texto foi publicado em AMP Blog, blog da Associação Mundial de Psicanálise em 16/07/2014. Disponível em: <http://ampblog2006.blogspot.com.br/2014/07/el-objeto-asesxuado-por-miguel-bassols.html>. Agradecemos a amável autorização do autor para traduzi-lo ao português e publicar neste número de *Opção Lacaniana online nova série*.

² BRODSKY, G. (2003) *Symptôme et sexuation*. In: *La Cause Freudienne* 53, Paris, pp. 133-138.

³ FAUSTO-STERLING, A. (2000) *Sexing the Body: Gender politics and the Construction of Sexuality*. Basic Books.

⁴ LACAN, J. (1961/2003) Maurice Merleau-Ponty. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p. 188.

⁵ Cf. GLOVER, D.; KAPLAN, C. (2000) *Genders*. Londres: Routledge.

⁶ LACAN, J. (1972-1973/1985) *O Seminário, livro 20: mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 11.

⁷ MILLER, J.-A. (1999) Os seis paradigmas do gozo. In: *Opção Lacaniana*, nº 26/27, abril de 2000, pp. 101-105 e *Opção Lacaniana online nova série*, Ano 3, número 7, março de 2012. Disponível em: <http://opcaolacanianaonline.com.br>.

⁸ MILLER, J.-A. *Op.cit.*, p.104.

⁹ LACAN, J. (1964/1998) Do 'Trieb' de Freud e do desejo do psicanalista. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 865.

¹⁰ Lacan, J. (1973/2003) O aturdido. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, p. 467.